

Educação em debate

Wagner Teixeira

Para bem de todos nós, a educação é tema de grandes debates neste difícil momento da vida brasileira. Felizmente, já unânime o consenso de que não chegaremos a nenhum dos mundos — o primeiro ou qualquer outro — sem um investimento programado em educação, por pelo menos 20 anos. A Constituição vigente serve de fulcro legal para tal cometimento e os nossos mais capazes estadistas já se avizinham da questão, com mais seriedade do que no passado.

Circula em mesas exclusivas das repartições de Brasília um documento intitulado **Desafios Modernos Para a Educação Básica**, do professor e sociólogo Pedro Demo, da Universidade de Brasília e diretor do Departamento de Macroestratégia da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), da Presidência da República. Não sendo propriamente uma tese original, o trabalho do professor Demo ostenta o mérito de trazer à baila a necessidade da revisão dos métodos educacionais e do papel dos mestres em sala de aula.

Na opinião do professor Demo, os alunos (e os professores) precisam “aprender a aprender”, o que pode ser encarado como uma atitude moderna, em continuação à pregação do sociólogo e psicólogo Carl Rogers, que expôs suas idéias no conhecido livro **Liberdade de Aprender**. Em algumas universidades, a versão rogeriana da sala de aula é uma realidade, os alunos desabrochando vivamente como seres intelectuais e pensantes, depois de se libertarem das opressões da escola convencional e até mesmo das teias superprotetoras das famílias.

O que prevalece no Brasil, para prejudicar o curso das idéias, é o estulto egocentrismo de professores e pesquisadores. Muitos deles guardam, como se arcanos fossem, seus me-

lhores trabalhos e não se preocupam com o sistemático intercâmbio com outros colegas e instituições. Se não sabemos o que se faz na Unicamp ou na PUC-RJ, como poderemos ter certeza de que as formulações a que temos acesso são originais e viáveis?

Este é, com certeza, o maior problema dos professores mais criativos — manterem-se em apostolar solidão intelectual, enquanto no mundo exterior outros paladinos criam e experimentam, muitas vezes num mesmo campo restrito. Já era tempo de termos no País um sistema centralizado de informações sobre o que se publica de absolutamente novo nas universidades.

O professor Pedro Demo remete-nos, em seu estudo, a uma verdade inquestionável — o aluno é o objeto fundamental da aula. E ele propõe que os professores reduzam o número de aulas expositivas, para poder aplicar seu tempo docente útil na orientação e feitura de trabalhos de criação e pesquisa: É este tipo de atividade que permite o desenvolvimento da auto-expressão dos estudantes. Em suma, estes devem ser considerados os agentes reais no processo de aprendizado e não tratados como integrantes de uma platéia obediente e despersonalizada.

Desde o tempo de Anísio Teixeira, o Brasil vem passando por reformas bem intencionadas em matéria de educação. O que é muito pouco, pois, na verdade, o de que precisamos são revoluções profundas, acompanhadas de processo de modernização ousados e sem meias verdades. Para que tenhamos coragem, por exemplo, de afirmar, como o professor Pedro Demo, que certos profissionais do ensino podem ser substituídos, para alívio e benefício dos alunos, por aulas gravadas em videocassete, que apresentam a vantagem adicional de poderem ser transportadas para casa e repetidas *ad infinitum*.